

No que diz respeito à minha amostra, todos os textos, inevitavelmente, podem ser considerados como historiografias do primeiro tipo apontado por Koerner, i.e. *summing-ups historiographies*. Tipicamente, se enquadram neste tipo Mattoso (1975), Elia (1963) e, em certa medida, também Borba (1970) e Miazzi (1972). Esta recorrência de uma visão unidimensional e progressiva da história da(s) disciplina(s) lingüística(s) se deve, sem dúvida, ao fato destes textos fazerem parte de manuais – manuais são para isso mesmo, para representar o que há de mais estável e estabelecido em um determinado campo de investigação, e não para apresentar o “estado da arte”, que é o que geralmente se espera da produção periódica e também ao fato de eu ter selecionado autores já consagrados na sua especialidade, ainda que, a maior parte deles, bastante jovens quando elaboraram seus manuais. Não se trata mais, de qualquer maneira, em nenhum dos casos, de aspirantes à carreira acadêmica, motivados em promover uma ‘nova’ orientação às ciências da linguagem.

O que se observa, entretanto, é, novamente, uma diferença qualitativa importante entre esses manuais e aqueles posteriores às décadas de oitenta, mesmo que genericamente enquadráveis em um mesmo tipo. Enquanto os da geração anterior à nossa, digamos assim, historiaram seu campo tendo em vista as tarefas descritivas (quer estruturalistas, quer gerativistas) que então se difundiam no país de forma programática, os lingüistas brasileiros contemporâneos parecem orientados por outro tipo de motivação: nos textos mais recentes, os autores parecem dispostos a operar uma síntese entre as práticas de pesquisa com que rompemos e as práticas que criamos, através da volta (renovada) do estudo histórico e histórico-comparativo da(s) língua(s) do Brasil e, por extensão, do estudo crítico das origens e das formas da própria produção lingüística, brasileira e não brasileira. À guisa de conclusão, entretanto, discuto melhor esta questão a seguir.

5. A TÍTULO DE CONSIDERAÇÕES FINAIS

De maneira geral, como procurei enfatizar, as reflexões sobre a história do pensamento lingüístico no contexto brasileiro, pelo menos nos anos sessenta e setenta, parecem ter encontrado, no limiar do século XIX, senão depois, o limite do seu horizonte de retrospectão. A visão restrita de Mattoso da história do conhecimento “verdadeiramente” lingüístico que, para ele, a rigor, não começou senão na Europa do século XIX, só é importante na medida em

ção não apenas do objeto selecionado mas, igualmente, do historiógrafo que opera a seleção. Admitir a dimensão subjetiva do historiador neste processo não significa, entretanto, admitir que ele seja arbitrário: “*O critério da escolha é aqui a importância, a significação do acontecimento dado, do processo ou dos seus produtos. Pressupõe-se portanto um sistema de referência no quadro do qual e em função do qual se operam a valorização e, conseqüentemente, a seleção; ...*” (Schaff, op.cit.:211)

que nos ajuda a compreender porque as gerações que se formaram no campo das ciências da linguagem no Brasil parecem ter passado ao largo das tradições mais remotas do pensamento lingüístico. O critério determinante para os pesquisadores brasileiros que nos anos sessenta buscavam afirmar sua autonomia enquanto lingüistas foi o da 'autonomia' da disciplina em relação aos outros estudos lingüísticos que se realizavam no país. Como a *pré-lingüística* e a *paralingüística* não se interromperam, segundo Mattoso, com o advento da *lingüística* (cf. Mattoso Câmara, 1975:14), excluir essas tradições (e seu estudo) do então novo campo de estudos que apenas se inaugurava no Brasil nos anos sessenta era uma conseqüência inevitável. Ser lingüista significava, neste momento, filiar-se a uma tradição ocidental, iniciada na Europa do século XIX, e excluir-se da tradição normativa, da investigação da linguagem enquanto fenômeno biológico, da tradição do pensamento filosófico grego e, principalmente, da tradição filológica, então dominante no país. Por extensão, as tentativas de periodização da produção lingüística brasileira reproduziram, quero crer, em nosso contexto, este recorte, considerando os estudos lingüísticos no Brasil como o ponto privilegiado de chegada de um processo "evolutivo" de três fases: a gramatical (entendida como normativa), a filológica e a lingüística.

A tensão entre as orientações diacrônica e sincrônica, no foco da descontinuidade entre a filologia e a lingüística dos anos sessenta, concretizou, naquele momento, uma necessária ruptura entre duas práticas de análise: a "descritiva", "autônoma", sinônima de 'lingüística', e a "histórica", "não-autônoma", sinônima de 'filologia'. A dialetologia foi praticada como um aspecto importante da filologia tradicional, o que explica o seu caráter diacrônico inicial, mas mesmo tendo perdido, já na metade do século, sua motivação diacrônica e se tornado um domínio autônomo de investigação, ela continuou sendo percebida pelas gerações posteriores como parte integrante da filologia, o que explica o desinteresse da comunidade científica dos anos setenta e metade dos anos oitenta pelo seu programa. A produção lingüística brasileira foi, até praticamente a segunda metade dos anos oitenta, como sabemos, essencialmente sincrônica. A rejeição da dimensão diacrônica na análise e descrição lingüísticas favoreceu o sucesso dos modelos gerativos, acrônicos; dos modelos da sociolingüística, voltados para o estudo da variação no eixo sincrônico; e dos modelos semióticos, neutros sob este ponto de vista.

Tendências recentes na ciência e prática lingüísticas contemporâneas no Brasil, relativizando as dicotomias anteriormente destacadas, têm alterado este quadro. Um dos índices mais fortes da nossa *historical turn* são as recentes tentativas de neutralização da oposição entre diacronia e sincronia, estimuladas, sem dúvida, pelo interesse que referenciais teóricos ainda em evidência – como a Gerativa chomskyana e a Sociolingüística laboviana – têm apresentado por dados diacrônicos. O problema a ser enfrentado, entretanto, por aqueles que procuram *commitment* nesta linha de investigação é a falta de formação das novas gerações em metodologias de orientação histórica. A primeira geração de lingüistas dos anos sessenta,

embora compartilhasse dos dois tipos de saber – resumidamente, o “filológico” e o “lingüístico” – não passaram a nossa geração, senão os do segundo tipo. Certamente, é no intuito de suprir esta descontinuidade que vemos (res)surgir, em nossos currículos dos cursos de lingüística, ‘velhas’ disciplinas de orientação histórica e, principalmente, ‘novos’ manuais de ‘lingüística histórica’, de ‘lingüística românica’, de ‘dialetologia’, sobretudo a partir dos anos noventa. Nossas historiografias *summing-ups* contemporâneas, neste sentido, ao trazerem o passado da(s) disciplina(s) Lingüística(s) para o centro das atenções, parecem assumir no contexto contemporâneo brasileiro uma função complementar àquela observada por Koerner. Além de reconstituírem os caminhos que, do seu ponto de vista, levaram ao estado atual dos estudos lingüísticos nas suas respectivas especialidades, restabelecem, na percepção das atuais gerações de lingüistas brasileiros em formação, a continuidade com as tradições interrompidas, na medida em que permitem resgatar um ‘texto’ que, durante três décadas, por desejos de modernidade, tentamos apagar da nossa memória.

ABSTRACT: *The paper intends to describe the way some linguistics handbooks, written by recognized Brazilian researchers from different specialties, dealt with historical facts concerning the development of the discipline of Linguistics. The ‘objects’ of their selection, the focus, the apparent motivations and the type of orientation they adopted in their history writing are the main parameters examined.*

KEY WORDS: *History and Linguistics; Historiography and Linguistics; Brazil.*

BIBLIOGRAFIA

- ALTMAN, M.C.F.S. 1993. *Unificação e Diversificação na Lingüística. Pesquisa Documental de Produção Lingüística Brasileira Contemporânea 1968-1988*. Tese de Doutorado. Munique: Lincom Europa, em fase de publicação.
- BUGARSKI, Ranko. 1976. “The Object of Linguistics in Historical Perspective”. In Parret, Herman (ed.) 1976. *History of Linguistic Thought and Contemporary Linguistics*. Berlin: de Gruyter, 1-12.
- de CASTILHO, Ataliba T. 1965. A cadeira de Lingüística no Curso de Letras. *ALFA* 7/8. 155-161.
- _____. 1984. Discurso pronunciado por Ataliba T. de Castiho, por ocasião do V Instituto Interamericano de Lingüística e do VII Instituto Brasileiro de Lingüística, em Campinas, de 03 de janeiro a 15 de fevereiro de 1980. *CEL* 6.16-17.
- de CLERCQ, J. e Pierre Swiggers. 1991. “L’Histoire de la Linguistique: L’autre Histoire e L’Histoire d’une Histoire.” In de Clercq, J. et al. *Cinq études d’historiographie de la linguistique*. manuscrito, 19 p.

- COSERIU, Eugenio. 1976 [1968]. *Perspectivas Gerais*. [Trad. de Marilda Winkler Averbug do orig. inglês: *General Perspectives. Current trends in linguistics*, vol.4, (seleção de textos), 1968]. In Naro, Anthony (org.) *Tendências atuais da lingüística e da filologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 11-44,
- _____. 1980. *Tradição e Novidade na Ciência da Linguagem: estudos de História da Lingüística*. [Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira do orig. espanhol: *Tradición y Novedad en la Ciencia del Lenguaje. Estudios de história de la lingüística*, 1977]. Rio de Janeiro: Presença.
- de GUEVARA, Maldonado. 1967. *Teoria de la Lengua e Historia de la Lingüística*. Madri: Alacala.
- HYMES, Dell. 1983. "Notes toward a history of Linguistic Anthropology". In *Essays in the History of Linguistic Anthropology*. Amsterdam, John Benjamins, 1-57.
- KOERNER, Konrad, E. F. 1974. "Purpose and Scope of Historiographia Linguistica". Editorial. *Historiographia Linguistica* 1(1):1-10.
- _____. 1978. *Western Histories of Linguistic Thought. An annotated chronological bibliography 1822-1976*. Amsterdam, John Benjamins.
- _____. 1982. On the historical roots of the philology/linguistics controversy. In Ahlqvist, Anders (org.) 1982. *Papers from the 5th International Conference on Historical Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 404-413.
- _____. 1989a. "The neogrammarian Doctrine: Breakthrough or Extension of the Schleichrian Paradigm. A problem in Linguistic Historiography". In *Practicing linguistic historiography: selected essays*. Amsterdam: John Benjamins, 78-100.
- _____. 1989b "Models in Linguistic Historiography". In *Practicing linguistic historiography: selected essays*. Amsterdam: John Benjamins, 47-59.
- _____. 1989c. "On 'Unrewriting the History of Linguistics'". In *Practicing linguistic historiography: selected essays*. Amsterdam: John Benjamins, 3-12.
- _____. 1995a. "The Problem of Metalanguage in Linguistic Historiography". A ser publicado em seu *Professing Linguistic Historiography*. Amsterdam: John Benjamins, no prelo. [Versão revista de artigo publicado em *Studies in Language* 17.1:111-134, 1993].
- _____. 1995b "Persistent issues in Linguistic Historiography". A ser publicado em seu *Professing Linguistic Historiography*. Amsterdam: John Benjamins, no prelo. [Versão revista de texto apresentado no ICHoLS VI, Washington 1993 e publicado nos Anais da conferência *History of Linguistics* 1993, ed. por Kurt Jankowsky, Amsterdam: John Benjamins].
- KUHN, Thomas S. 1987. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. [Trad. de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira do orig. inglês: *The Structure of Scientific Revolutions*, 1962]. São Paulo: Perspectiva. Inclui Pós-fácio de 1970.
- LEMLE, Miriam. 1967. Resenha de Chomsky. 1966. *Estudos Lingüísticos* 2.1/2:69-80.

ALTMAN, Maria Cristina Fernandes Salles. *Memórias da lingüística na lingüística brasileira*

LEPSCHY, Giulio. 1971. *A Lingüística Estrutural*. [Trad. de Therezinha Feres Nites do orig. italiano: *La Linguistica Strutturale*, 1966]. São Paulo: Perspectiva.

LEROY, Maurice .1971. *As Grandes Correntes da Lingüística Moderna*. [Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes do original francês: *Les grands courants de la linguistique moderne*, 1963]. São Paulo: Cultrix.

MACHADO, José Pedro. 1942. *Breve História da Lingüística*. Lisboa: Inquérito.

MALMBERG, Bertil .1971. *As Novas Tendências da Lingüística. Uma orientação à Lingüística Moderna*. [Trad. de Francisco da Silva Borba da versão francesa de Jacques Gengoux: *Les nouvelles tendances de la Linguistique*, 1966]. São Paulo: Nacional. [1ª ed. sueca 1959].

MATTOSO CÂMARA Jr., Joaquim .1975. *História da Lingüística*. [Trad. de Maria do Amparo Barbosa de Azevedo dos originais datilografados em inglês, *História Sumária da Lingüística*, 1962]. Petrópolis: Vozes. [2ª ed. 1975, 3ª ed. 1979].

_____. s/d. Advertência Prévia ao seu *História Sumária da Lingüística*. Manuscrito inédito. Biblioteca Mattoso Câmara, Universidade Católica de Petrópolis.

MOUNIN, Georges. 1970. *História da Lingüística. Das origens ao século XX*. [Trad. de F.J.Hopffer Rêgo do original francês: *Histoire de la Linguistique*, 1967]. Porto: Despertar.

_____. 1973. *A Lingüística do século XX*. [Trad. de Conceição Jardim e Eduardo Lúcio Nogueira do orig. francês: *La linguistique du XXe. siècle*, 1972]. Lisboa: Presença.

MURRAY, Stephen O. 1993. *Theory Groups and the Study of language in North America. A social history*. Amsterdam: John Benjamins. [Versão revista de *Group Formation in Social Science*. USA/Canada: Linguistic Research, Inc. Carbondale and Edmonton, 1983].

NARO, Anthony Julius. 1972. Translator's Preface. In Mattoso Câmara Jr. 1972. *The Portuguese Language*. [Trad. de A. J. Naro do orig. português, s/d]. Chicago: The University of Chicago Press: VII-XIII.

_____. 1976. (org.). *Tendências atuais da lingüística e da filologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

NARO, Anthony J. & John Reighard. 1972. Bibliografia analítica de Joaquim Mattoso Câmara [Trad. do orig. inglês: Analytical bibliography of J.M. Câmara Jr., publicada como apêndice à obra *The Portuguese Language*. Chicago: The University of Chicago Press, 1972]. In Naro 1976 (org.): 115-147.

SCHAFF, Adam 1991. *História e Verdade*. [Trad. de Maria Paula Duarte do orig. francês *Histoire et Verité*, 1971]. 5ª ed. bras. São Paulo, Martins Fontes.

ROBINS, R.H. 1979. *Pequena História da Lingüística*. [Trad. Brasileira de Luiz Martins Monteiro de Barros do orig. inglês: *A short History of Linguistics*, 1967]. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.

- SWIGGERS, Pierre. 1983. La méthodologie de l'historiographie de la linguistique. *FLH* (4):55-79.
- _____. 1990. Reflections on (models for) Linguistic Historiography. In Hüllen, Werner (ed.). 1990. *Understanding the historiography of Linguistics. Problems and Projects. Symposium at Essen, 23-25 november 1989*. Münster: Nodus Publikationen, 21-34.
- _____. 1992. *De la grammaire générale à la linguistique comparée et typologique: études sur l'histoire de la linguistique de 1700 a 1830*. Tome I: Introduction. Dossier aangeboden tot het verkrijgen van de graad van Geaggregeerde voor het Hoger Onderwijs. Leuven. Inédito.
- THOMSEN, Vilhelm (Ludvig Peter). 1945. *Historia de la lingüística*. [Trad. de Javier de Echave-Sustaeta da trad. alemã de H. Pollack, *Geschichte der Sprachwissenschaft bis zum Ausgang des 19. Jahrhunderts: Kursgefasste Darstellung der Hauptpunkte*, 1927]. Barcelona: Labor. [1ª ed., dinamarquesa, 1902].
- UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. 1972. (sel.). *Dispersos* nº 1. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- VILANOVA, Antonio. 1950. *Nociones de Historia Lingüística y Estetica Literaria*. Barcelona: Teide, 1950.